Economia

29/11/2008

Consórcio de veículos é alternativa a juro e crise

Gabriel Ottoboni

A crise do mercado financeiro mundial tem levado mais pessoas a optar por uma modalidade de compra mais viável que o financiamento tradicional. Cada vez mais difíceis e caros, eles estão deixando de ser a primeira opção para quem deseja adquirir casa ou o veículo próprio.

Há três anos, o consultor de vendas Fernando Mastrangelli paga um carro para a filha através desta modalidade e, em 18 meses, irá retirar o bem. “Acho o consórcio interessante, pois é como uma poupança, e não tem taxas de juros, somente a de administração. Quando minha filha tiver 17 anos, terá um bem em suas mãos”, afirma.

O consultor, que também tem um filho de 7 anos, diz que pretende fazer novos consórcios no futuro. “Já tenho de uma moto e, na atual conjuntura, é mais vantajoso ainda”, avalia.

Em sua opinião, “paga-se o preço justo por uma realidade de mercado” com esta opção. O preço do veículo é de R$ 18.990,00. Por 60 parcelas, o consultor de vendas pagará aproximadamente R$ 385,00 mensais.

O economista Reinado Cafeo lembra que, mesmo em tempos de estabilidade, o consórcio sempre se apresentou como uma opção viável. Segundo ele, no entanto, os prazos e taxas de juros que as financeiras estavam praticando garantiam tempo de pagamento mais dilatado, aproximando o financiamento da situação do consórcio. “Com a vantagem de ter o bem imediatamente, uma vez que, através do consórcio, isso ocorre por sorteio”, explica. “Há o risco da pessoa ser a última a ser contemplada”, justifica.

Segundo ele, porém, o cenário atual é outro. Cafeo afirma que a elevação das taxas de juros, aliada à redução de prazos e maior rigor - como entrada para certos tipos de financiamentos -desenvolveram ao consórcio a atratividade de antigamente.

Entre as vantagens apontadas pelo economista estão a nulidade da taxa juros e, considerando o tempo de pagamento, taxa de administração e fundo de reserva baixos. “A grande diferença do consórcio para outros tipos de financiamento é que ele não tem taxa de juros. Você dilui a taxa de administração ao longo do plano, o que dará algo em torno de 0,4% ao mês, que é normal”. Mas há uma ressalva. “É necessário que a pessoa tenha consciência que o jogo do consórcio é mais lento para a retirada do bem”, avisa.

As restrições para entrar em um consórcio são pequenas. “As instituições querem pessoas com qualidade, que paguem em ordem. As exigências maiores são de instituições financeiras. As pessoas tem que ficar de olho na idoneidade das empresas de consórcio, pois têm que ser bem administrados”.

Duas simulações feitas pelo economista mostram a diferença entre o financiamento e um consórcio. No primeiro caso, um imóvel de R$ 100 mil pago ao longo de dez anos sairia por R$ 189 mil. Já no consórcio, o valor saltaria para apenas R$ 107 mi. Em relação a um veículo, a diferença também é grande.

Um automóvel cujo preço é R$ 30 mil (pagos em 60 meses), no financiamento saltaria para R$ 51 mil. No consórcio, ficaria em R$ 32 mil. Outra simulação feita pelo economista, em comparação ao crédito imobiliário, aponta que, no caso de financiamento em 15 anos, economiza-se cinco anos

se a compra fosse feita através de consórcio.